



DESLOCAMENTOS DE JOVENS INDÍGENAS PARA BOA VISTA: CONCEITOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

Leonice Ferreira Morais¹

Marisa Barbosa Araújo²

RESUMO:

Este trabalho versa sobre o deslocamento de jovens indígenas para a cidade de Boa Vista. A revisão de literatura indica que a busca por educação representa um importante motivador da vinda de indígenas para um núcleo urbano, dessa forma, o estudo tem como objetivo geral, compreender o lugar e o significado da educação no projeto de vida dos jovens indígenas que se deslocam para Boa Vista. O principal método empregado é a narrativa autobiográfica. As categorias envolvidas são: deslocamento, juventude, agência e identidade.

Palavras chave: Deslocamento, jovens indígenas, educação

ABSTRACT:

This work is about the displacement of young indigenous people to the city of Boa Vista. The literature review indicates that the search for education represents an important motivator of the coming of indigenous people to an urban nucleus. Therefore, the study aims to understand the place and meaning of education in the life project of indigenous To Boa Vista. The main method used is the autobiographical narrative. The categories involved are: displacement, youth, agency and identity.

Key words: Displacement, indigenous youth, education.

¹ Pedagoga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Roraima. Email: leonice_morais@yahoo.com.br.

² Doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas; professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Roraima. Email: marisa.araujo@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado dialoga com a minha proposta de pesquisa do Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal de Roraima. Trata-se de uma reflexão teórica acerca de algumas das categorias que serão abordadas. A pesquisa quer descobrir de maneira geral, o lugar e o significado da educação no projeto de vida dos jovens indígenas de Roraima. O principal método empregado é a narrativa autobiográfica. As categorias envolvidas são: deslocamento – eixo central do projeto; juventude – por compreender os sujeitos da pesquisa; agência – considerando-se as relações de intencionalidade e poder, especialmente na decisão de deslocar-se e, finalmente, identidade – analisar-se-á as identidades que submergem no contexto das relações entre grupos culturalmente distintos em espaços sociais comuns.

2 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO INDÍGENA

No Brasil, a vinculação da história indígena à educação tem início de forma quase simultânea ao início do período colonial e na sua origem teve como foco a catequização e submissão das cosmologias indígenas à cultura do ocidente numa tentativa de integração à cultura nacional. No que se refere às origens da educação indígena em Roraima, a história se repete.

Assim, começa a se constituir o pensamento geral sobre os objetivos da educação indígena. Esse pensamento perdurou por quase cinco séculos, período durante o qual “os índios foram pensados como seres efêmeros, em transição: transição para a cristandade, a civilização, a assimilação, o desaparecimento. Hoje se sabe que as sociedades indígenas são parte de nosso futuro e não só de nosso passado.” (CUNHA, 1992, p.22)

É indiscutível que a escola é uma instituição importante para a afirmação da identidade cultural de um povo, neste sentido, a escolarização dos povos indígenas é fator fundamental para a formação da consciência de cidadania na medida em que possibilita

o domínio dos códigos básicos estruturantes da sociedade não indígena; a consequente capacidade de reformulação de estratégias de resistência e de promoção de culturas, valores e conhecimentos; a apropriação de outros saberes úteis e necessários à melhoria das condições de vida. (BRASIL, 2006, p.168)

Diversas pesquisas em Roraima e Amazonas percebem que a migração interna dos indígenas para Boa Vista tem como principal motivação a continuidade dos estudos. É o que se pode verificar, por exemplo, em FERRI, 1990; WEBER, 2006; ANDRELLO, 2006; PALADINO, 2006; CORREA, 2009, dentre outros. Andrello 2006, ao estudar a migração do rio Uaupés e Içara para centros urbanos, verificou que, dado o fim dos internatos salesianos “Manter os filhos na escola após o término das primeiras séries passou a ser um dos vetores, talvez o principal, de deslocamento de famílias indígenas em direção à cidade.” (ANDRELLO, 2006, p.30). E, segundo Weber, a explicação é a mesma:

Essa busca cada vez mais ampla pela escolarização e por novas oportunidades de vida melhor tem promovido, em várias terras e comunidades indígenas do Brasil, o êxodo para as cidades, o que gera problemas sociais de toda ordem, além de reforçar o esquecimento da língua materna e de outros aspectos da cultura indígena por parte dos jovens estudantes. (WEBER, 2006)

3 DESLOCAMENTO INDÍGENA

A descrição analítica desse fenômeno é geralmente determinada pela identificação de fatores tais como locais de origem e destino, duração da permanência e fatores motivadores da locomoção desse indivíduo. Importante notar que categorias analíticas diversas são empregadas para a abordagem do mesmo fenômeno e que ênfases são percebidas em aspectos distintos. Póvoa-Neto, acerca desta diversidade assevera: “As divergências conceituais não impedem em absoluto que discursos sobre migração sejam formulados, mas obrigam que sejam menos ingênuos ao analisa-los.” (PÓVOA-NETO, 1997, p.14).

Palmeira e Wagner, no clássico artigo A Invenção da Migração, advertem para os limites conceituais do uso da categoria migração. Refletem sobre a possibilidade desta categoria agrupar como um conjunto único (migrações) situações que são pensadas, vividas e narradas de modo diferenciados pelos próprios sujeitos. Propõem assim a abordagem do fenômeno para além da mensuração dos fluxos, a partir de uma perspectiva sociológica, que considera a agência dos sujeitos sociais. (PALMEIRA E ALMEIDA, 1977).

Numa reflexão parecida, Sayad (1998) entende a imigração como “um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada, no espaço físico” (SAYAD, 1998, p.15). Adiante, o autor ressalta que esse deslocamento não se dá apenas no espaço físico mas num “espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através das duas realizações culturais que são a língua e a religião) etc.” (SAYAD, 1998, p.15).

Sayad traz que, na origem da imigração encontra-se, como ato inicial do processo, a emigração, assim, afirma que “o que chamamos imigração, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de emigração; como duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração” (SAYAD, 1998, p.14). Em consonância com a perspectiva de Palmeira e Almeida, percebe-se que a ênfase e o olhar analítico recai sobre a perspectiva do sujeito social que se desloca.

Assim, convém salientar que a categoria utilizada para designar a vinda de jovens indígenas para Boa Vista é deslocamento e não migração, termo reivindicado pelo movimento indígena local ao defenderem que

migrantes são os não-indígenas que vieram de outras regiões do país e passaram a viver em Roraima, um local distinto da sua terra de origem. O que os indígenas fazem é se deslocarem dentro do território que lhes pertence historicamente e que foi expropriado a partir da situação de contato, caracterizada por uma relação desigual de força. (LIMA e SOUZA, 2016, p.28)

Em Roraima, especificamente, há alguns estudos deste fenômeno. No entanto, poucos focam no processo de deslocamento, suas motivações, desdobramentos, implicações, representações. Uma das poucas exceções refere-se ao estudo de Ferri que, em pesquisa realizada no fim da década de 80, afirma que o índio se fez presente na cidade de Boa Vista desde sua fundação; apresenta-o chegando à cidade como mão-de-obra barata. A pesquisadora percebeu que no imaginário indígena, “a cidade é o lugar onde as coisas podem ser adquiridas com facilidade e onde todos trabalham e ganham dinheiro” (FERRI, 1990, p. 59-60).

Segundo Ferri, 1990, muitas são as causas e motivos da migração indígena, “uma doença grave, um problema familiar, variações climáticas na própria região, uma situação de extrema necessidade (...)”. no entanto, dá destaque às escolas e internatos criados pelos beneditinos que, segundo a autora, influenciaram significativamente o deslocamento indígena para a cidade.

4 JUVENTUDE

Com finalidade meramente didática, há que se estabelecer um marco temporal na vida do indivíduo para que possamos compreendê-lo como jovem e assim, determinar a faixa etária dos sujeitos desta pesquisa. Neste sentido, trabalharemos com a idade compreendida entre os 15 e 24 anos, idade definida utilizada pela Organização das Nações Unidas (UNFPA, 2010) e seguida pelo Brasil no estabelecimento de diversas políticas públicas.

O número de pessoas nessa faixa etária tem aumentado desde 1945, chegando a 1 bilhão em 1990. Em 2005, os jovens eram 1,02 bilhão, ou 15,8% da população mundial. (...), trata-se de uma parcela importante da população que, de acordo com projeções da ONU, irá aumentar para 1,4 bilhão até 2025. (2010, p.23).

O documento IPEA 2006 Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? considera cinco eventos principais que marcam o processo de transição dos jovens brasileiros para a vida adulta, são eles: a) a saída da escola; b) a entrada no mercado de trabalho; c) o casamento; d) a saída da casa dos pais ou de origem; e e) a maternidade (IPEA, 2006, p. 95), ou seja, uma diversidade de eventos que se desenvolvem na juventude e cuja concretização marcarão a passagem para a vida adulta e viu-se também que esse processo não é estático, ele pode variar no tempo e no espaço.

Uma importante referência antropológica para essa reflexão é o trabalho de pesquisa realizado por Margareth Mead no arquipélago de Samoa, no Pacífico Sul. A pesquisadora analisou a relação entre os sexos na infância e adolescência e a relação cultura/personalidade, sociedade/indivíduo. Como resultado desta pesquisa surge o primeiro de seus livros – *Coming of Age in Samoa* (Chegando à maioridade em Samoa) publicado em 1928.

“A mensagem transmitida era de que a adolescência não era perturbada por natureza hereditária. E a inferência era de que as adolescentes americanas seriam menos perturbadas se os americanos adotassem uma atitude mais permissiva em relação ao sexo.” (ERICKSON, 2015, p.115).

Mead embasa-nos a dizer que o comportamento na adolescência (na juventude) estaria associado à educação recebida, por sua vez, relacionadas aos costumes existentes em cada cultura.

Na sociedade brasileira é fácil identificar divergências por vezes conflituosas entre as gerações que são motivadas, por formas diferentes de ver e agir no mundo. Acreditamos que entre os indígenas não é tão diferente. Ao estudar as Trajetórias sociais, escolarização e experiência urbana entre “Jovens” indígenas ticuna no Amazonas, Paladino percebeu a existência de uma dicotomia entre

formas antigas e atuais de ser jovem expressa em termos morais: passado como certo, presente como ruim ou errado. Entre os aspectos assinalados como errados estavam: a conduta violenta e agressiva, a falta de respeito e de obediência aos velhos, uma conduta considerada no âmbito doméstico como “preguiçosa” (que se fez presente na queixa recorrente de que não fazem certas tarefas se os adultos não os mandarem fazer), a forma atual de se casar, a sociabilidade (abertura a relações de amizade e namoro com não-indígenas, querer ir para a cidade), os valores e as aspirações (“os jovens estão só com a bebida, as drogas, os bailes, o fumo” – disse Abrão, o segundo dos palestrantes).

Paladino também constatou que o rito de passagem dos ticuna para a vida adulta, muito marcante quando se trata de adolescentes do sexo feminino, está sendo substituído por uma outra forma de ritual. Trata-se da formatura escolar e o sentido que este evento adquire para os estudantes e seus parentes “marca a passagem à vida adulta, ao mesmo tempo em que coloca uma distinção entre os que atravessaram

e os que não atravessaram esse processo.” (PALADINO, p.242). A autora percebeu que esta etapa é marcada por muita luta e sofrimento em que,

o afastamento do grupo familiar e o sentimento de solidão são aspectos especialmente destacados. A dificuldade e a periculosidade do deslocamento são também apontadas. (...) A falta de qualidade, variedade e abundância de alimentos que eram parte de sua dieta habitual na aldeia, expressa pela fome que muitos estudantes salientam terem sentido, faz parte desse processo de luta e de dificuldades atravessadas. Ainda são recorrentes as referências a um disciplinamento corporal vivido nesse período e que é tido como duro e incômodo (passar horas sentados, realizando um esforço visual e manual por causa da escrita e da leitura). (PALADINO, 2006, p. 242-243)

Fica claro, desta maneira, que ser jovem está para além de possuir uma determinada idade. Supõe-se que está relacionado a uma forma de ver e agir no mundo que difere da compreensão das crianças, adultos e idosos. Considerando que o foco do nosso trabalho é deslocamento espacial de jovens indígenas, será investigado o(s) significado(s) da juventude para os sujeitos de nossa pesquisa. Há unicidade na compreensão desse termo nos diferentes lugares e dentre os diferentes grupos étnicos compreendidos pela pesquisa?

5 AGÊNCIA*

Agência constitui-se em outra categoria importante abordada na pesquisa. Para desenvolver este tema, o trabalho se apoiará na concepção de agência de Sherry Ortner. A autora construiu sua ideia por meio da discussão de alguns conceitos; o primeiro é a intencionalidade, “é o forte papel da intencionalidade ativa (embora não necessariamente totalmente “consciente”) que, a meu ver, diferencia a agência das práticas de rotina”. (ORTNER, 2006, p. 54). O segundo se refere à questão da construção cultural da agência, sobre o que, “há uma concordância geral a respeito de que a agência é sempre cultural e historicamente construída”, (ORTNER, 2006, p. 54) afirma a autora. O terceiro leva em consideração, a relação entre agência e poder. E, sobre isso, a autora assevera que “uma teoria forte da agência (...) deve ser estreitamente ligada a questões de poder e de desigualdade” (ORTNER, 2006, p. 57).

Em síntese, diz a autora que a noção de agência tem dois campos de significados, os quais seriam: 1- agência enquanto poder; 2- agência enquanto intencionalidade e capacidade de perseguir projetos. Diz ainda que, em uma modalidade, a agência está estreitamente relacionada com ideias de poder, incluindo tanto dominação como resistência; em outra, está estreitamente relacionada com ideias de intenção, com projetos de pessoas (culturalmente constituídas) no mundo e com sua habilidade de iniciá-los e de realizá-los. (ORTNER, 2006, p. 64)

6 IDENTIDADE

Perpassando a discussão sobre deslocamento, juventude e agência indígena, nossa pesquisa empreenderá um estudo das identidades que submergem no contexto das relações entre grupos e indivíduos específicos, ou seja, coletividades com costumes próprios, no interior da capital de Roraima. Nessa dinâmica, de acordo com a ótica de Cardoso de Oliveira, Boa Vista representa a sociedade envolvente, dominante, culturalmente hegemônica e onde tais coletividades vivem a situação de minorias étnicas. Ao tratar das identidades modernas dos povos originários, Cardoso de Oliveira destaca que o mais importante a ressaltar “é que os seus objetos culturais de desejo recentes (...), são o resultado da necessidade que esses povos têm de incorporar em seu modo de vida meios de sobrevivência nesse novo mundo em que foram obrigados a se inserir” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p.12). Ainda sobre a questão étnica, acredita-se que a interação em um sistema social “não leva a seu desaparecimento por mudança e aculturação; as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato interétnico e da interdependência dos grupos” (BARTH, 1998, p.188).

Novamente de acordo com Cardoso de Oliveira, há um ponto de ordem moral de difícil observação empírica que se encontra na base do reconhecimento, trata-se da consideração. “A consideração pelos Outros, indispensável à própria autoconsideração, seria a verdadeira fonte de dignidade do Nós, tanto quanto do Self, seja ele étnico ou nacional”. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 19)

7 O MÉTODO DE PESQUISA

Os diálogos que constituirão este trabalho perceberão os sujeitos da ação migratória dentro de uma perspectiva ampla, mas principalmente como sujeitos individuais. Por esse motivo, a narrativa biográfica será empregada como técnica de coleta de dados, visando conhecer a trajetória destes jovens. A iniciativa de trabalhar com a trajetória de vida desses sujeitos certamente nos levará a um conhecimento do processo que caracterizará o deslocamento destes jovens da origem (enquanto emigrante) ao destino (enquanto imigrante). “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. (LE GOFF, p. 469). Embora os sujeitos do nosso trabalho sejam os jovens,

cujas memórias ainda estão se construindo, entendemos que haverá um vasto e rico material mnemônico a ser recepcionado dado que “a vivência em vários grupos desde a infância estaria na base da formação de uma memória autobiográfica, pessoal”(HAWBACS, 1968, p. 57).

Nesse processo de manutenção ou reconstituição da memória, o estudo buscará, por meio das narrativas, verificar se a decisão de deslocar-se para um núcleo urbano reflete uma agência do jovem que se desloca, da família ou da comunidade étnica à qual ele pertence.

8 NOTA CONCLUSIVA

A pesquisa se encontra em fase inicial de desenvolvimento, portanto, ainda não há conclusões a serem apresentadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDELMALEK, Sayad. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo, Edusp, 1998.

ANDRELLO, Geraldo. **Cidade do índio: transformações e cotidiano em Iauaretê**. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: NUTI, 2006.

BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da Etnicidade**. 2 ed. São Paulo: Unesp, 1997. p. 185 - 250.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: SECAD, 2006.

CUNHA, Manuela Carneira da. Introdução a uma história indígena. In: CUNHA, Manuela Carneira da. **História dos índios do Brasil**. 2ed. Rio de Janeiro: Cia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura/FAPESP, 1992, p. 9-22.

FERRI, Patrícia. **Achados ou Perdidos? A imigração indígena em Boa Vista**. Goiânia: Cooperazione Italiana, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). **Os indígenas no Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf. Acesso em: 27 dez. 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2015. [1977].

LIMA, Carmen Lúcia Silva e SOUZA, Aglaia Barbosa. Mapeamento social dos indígenas de Boa Vista (RR) In: CIRINO, Carlos Alberto Marinho (Org.). **Moradores da Maloca Grande: reflexões sobre os indígenas no contexto urbano**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016.

ORGANIZAÇÃO DOS INDÍGENAS DA CIDADE - ODIC. **Propostas da Organização dos Indígenas da Cidade**. 2010.

ORTNER, Sherry, **Poder e projetos: Reflexões sobre a agência** . Reunião Brasileira de Antropologia – Blumenau : Nova Letra, 2007.

PALADINO, Mariana. **Estudar e experimentar na cidade: trajetórias sociais, escolarização e experiência urbana entre “jovens” indígenas ticuna, Amazonas**. 2006. 352f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PALMEIRA, M.; ALMEIDA, A. W. B. **A invenção da migração: projeto emprego e mudança socioeconômica no Nordeste** (Relatório de Pesquisa). Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1977.

WEBER, Ingrid. **Um copo de cultura: os Huni Kuin (kaxinawá) do rio Humaitá e a escola**. Rio Branco: EDUFAC, 2006. 255p.